

# Match Point

Tradução  
Carmen Saraiva

**KATHERINE REILLY**

 Planeta

Para a Kim

Obrigada por acreditar em mim



## Prólogo

Hoje será um dia melhor.

É isso que repito para mim própria enquanto abro outro envelope castanho, retiro o livro que tem no interior e o coloco no topo da pilha em cima da minha secretária, e que se vai tornando mais alta. Todas as semanas as editoras enviam para o *The Daily Journal* dezenas de livros para que sejam publicadas críticas, e, enquanto assistente da secção de cultura, faz parte do meu trabalho reuni-los todos, empilhá-los e colocá-los num carrinho para que o editor responsável pela secção dos livros possa ler as lombadas e seleccionar aqueles que quer ler e destacar.

O mais preocupante é que esta é uma das partes mais interessantes do meu trabalho.

Não que esteja a queixar-me. Sei que tenho sorte por trabalhar num jornal e, quando no ano passado me mudei para Londres, sinceramente nunca imaginei que fosse capaz de conseguir qualquer emprego na área dos meios de comunicação, por isso tenho de estar grata por aqui estar, a empilhar livros e a servir chá e café. É só que esperava poder estar mais envolvida no lado mais criativo das coisas e, dado que este ano faço vinte e nove anos, por vezes pergunto-me se deveria ter algo mais do que um emprego que é basicamente apropriado para um estagiário.

Ontem, por exemplo. A minha única tarefa urgente foi reservar uma mesa para o meu editor, o Harvey, no The Ivy, para um almoço de trabalho hoje, e depois passei o resto do meu valioso tempo a organizar os livros

que havíamos recebido nessa manhã de acordo com a cor da lombada e depois a responder a questionários *online* sobre que raça de cão é mais apropriada para o meu estilo de vida, com que personagem da Disney mais me pareço, e que celebridade da década de 2000 é melhor par para mim.

Descobri que devia ter um Norfolk terrier, que tenho muito em comum com Meeko – o gaxinim de *Pocahontas* – e, caso venha a ficar novamente solteira, que não seria má ideia cruzar-me com Chad Michael Murray. O que é informação extremamente útil, mas esta manhã não acordei a sentir-me exatamente cheia de motivação, sabendo que contribuo para a sociedade de uma maneira útil.

Por isso, estou a tentar encher-me de pensamentos positivos hoje e, assim que terminar de abrir estes envelopes de livros, vou escrever uma lista de coisas que posso fazer que sejam úteis para a minha carreira, como enviar um *e-mail* para o departamento de *design*, só para confirmar que ainda não abriu nenhuma vaga, ou como deveria começar a candidatar-me para empregos em galerias e editoras mais especializadas em romances gráficos. Não me posso deixar ficar muito confortável. Se quero trabalhar com arte, então tenho de realmente *fazer algo quanto a isso*.

Sim, ótimo. Pensamentos motivacionais fortes. As coisas já me parecem melhores.

– Flora, o Harvey precisa de falar contigo.

Ergo o olhar da crescente pilha de livros e vejo Basil, o nosso estagiário, de pé junto a mim enquanto faz *scroll* no telemóvel. Parece irritado por ter sido obrigado a fazer a viagem de alguns metros da secretária dele até à minha para entregar a mensagem. Basil, o filho do parceiro de golfe de Harvey, vinte anos e cabelo despenteado, só está no jornal há pouco mais de uma semana, para «ganhar experiência de trabalho», embora até ao momento ainda não tenha trabalhado a sério. Passa a maior parte do seu tempo no TikTok e a acompanhar o Harvey nos seus almoços demorados.

– Obrigada, Basil – digo, alegremente, determinada a estar cheia de otimismo.

Ele encolhe os ombros e volta para a secretária, deixando-se cair sobre a cadeira sem nunca tirar os olhos do ecrã do telemóvel. O meu profundo revirar de olhos é detetado pela jornalista de desporto, Iris, que discute o *layout* de um artigo com alguém que está por perto. Primeiro, sinto-me envergonhada por alguém me ter visto a fazê-lo nas costas dele, mas quando Iris sorri para mim, com ar conspirador, lançando um olhar a Basil e replicando o meu revirar de olhos, fico aliviada, e sorrio-lhe em resposta.

A Iris é uma das poucas pessoas que consigo suportar aqui na redação – muito porque é a única jornalista que se dá ao trabalho de me dar atenção. Apesar de trabalharmos em secções diferentes – ela na de desporto, eu na de cultura – ainda assim por vezes convivemos na copa, a fazer café e a rir sobre os nossos colegas enfadonhos e pretensiosos, ou sobre as divas do mundo do desporto que ela entrevistou. Também já almoçámos algumas vezes juntas, o que, embora possa não significar muito para ela, significa imenso para mim. Dado que não estou na cidade assim há tanto tempo, não tenho propriamente amigos em Londres. É bom sentir que tenho alguém com quem falar.

Somos muito diferentes. A princípio sentia-me intimidada pela Iris: é confiante, inteligente, de raciocínio rápido, e estonteantemente bonita com o seu cabelo negro, feições delicadas e vibrantes olhos verdes. Também tem imenso estilo e é sofisticada, parece estar sempre vestida como se tivesse um almoço de trabalho importante no Sexy Fish de Mayfair, o tipo de mulher que faz todas as cabeças virarem-se na sua direção sempre que entra numa sala. Eu, por outro lado, tenho tendência a ser mais reservada e cautelosa, debato-me diariamente com o meu indisciplinado cabelo louro ondulado, tenho um guarda-roupa que consiste principalmente em *T-shirts* desbotadas e calças de ganga rasgadas, e entro numa sala à espera que ninguém repare em mim.

Ainda assim, damo-nos bem. Suponho que os opostos se atraem.

Quando chego à secretária do Harvey, pigarreio e digo:

– O Basil disse que querias falar comigo?

Sem retirar os olhos do ecrã, Harvey ergue um dedo, fazendo sinal para que eu aguarde que ele termine de escrever um *e-mail*. Tento

reprimir um sorriso trocista. Isto é *típico* do Harvey: exigir que alguém venha falar com ele e depois fazê-lo esperar. Adora sentir-se importante e lembrar aos seus empregados quem manda aqui.

O Harvey é um filho da mãe pomposo de sessenta e poucos anos que não devia ser o editor da secção de cultura de um jornal nacional, porque não aparenta saber nada sobre cinema, arte, música ou teatro. Infelizmente, conhecia todas as pessoas certas para conseguir este emprego. O facto de ter mandado um estagiário percorrer alguns metros até à sala do lado para dizer que queria falar comigo, ao invés de se levantar e ir lá ele próprio, diz tudo sobre o homem.

– Pronto, está feito – diz Harvey finalmente, carregando no botão «enviar» e girando a cadeira na minha direcção. – Flora, vamos para uma sala de reuniões. – Levanta-se da cadeira. – Basil, dá-me cinco minutos e depois vamos almoçar.

– Ótimo. – Basil assente, percorrendo com o dedo o Instagram no ecrã do seu telemóvel. – Tenho estado ocupadíssimo o dia todo.

Olho para o relógio na parede. São onze e meia.

Caminhando até uma das salas de reuniões livre, o Harvey abre a porta e faz sinal para que eu entre.

– Senta-te – diz ele, fechando a porta atrás de si e espreitando a redacção. As salas de reuniões são basicamente uma fila de caixotes de vidro encostadas a uma parede da divisão, por isso toda a gente consegue ver o interior. O Harvey acaricia o queixo com ar pensativo antes de colocar ambas as mãos nos bolsos e se virar na minha direcção. Ele expira.

– Flora, lamento, mas vamos ter de te despedir.

Pestanejo.

– Eu... perdão?

– Tenho a certeza de que sabes o estado lastimável em que se encontra o jornalismo hoje em dia – continua o Harvey descaradamente, retirando as mãos dos bolsos e apoiando-as nas costas da cadeira à sua frente, para se inclinar. – Temos de fazer alguns cortes. Só começaste a trabalhar connosco no ano passado e, bem, sabes como é. Os últimos a entrar são os primeiros a sair.

Olho para ele, sem conseguir acreditar.

– Estás a... *despedir-me*? – consigo balbuciar.

– Não, claro que não! – ele recua, chocado. – Vamos extinguir o teu posto de trabalho.

Sinto lágrimas quentes a quererem saltar-me dos olhos enquanto absorvo as suas palavras. Sim, esta podia não ser a minha carreira de sonho, mas ainda assim é o meu *emprego*. Fiz tudo o que o cargo exigia. Não acredito que se querem livrar de mim. O Harvey esteve no outro dia a almoçar literalmente durante quatro horas, e sei que ele pôs a conta nas despesas da empresa. Eu nunca pus nada nas despesas da empresa. Como posso ser *eu* o corte que lhes vai poupar dinheiro?!

Ele pigarreia, mexendo-se desconfortavelmente.

– É muito chato, tudo isto, mas necessário. Os Recursos Humanos irão querer tratar dos pormenores contigo. Quero agradecer-te pessoalmente pelo teu... desempenho satisfatório nos últimos meses. Tenho a certeza de que serás bem-sucedida naquilo que vieres a fazer a seguir, e se algum dia quiseses ir beber um copo para que possa partilhar contigo algumas pérolas de sabedoria... – faz uma pausa, o seu olhar dirige-se mais abaixo até ao meu peito, e de novo para cima – ... a minha porta estará sempre aberta.

Ó meu Deus.

*Ele está a atirar-se a mim ENQUANTO me despede?*

– Bom – ele tosse, virando-se para ver o relógio através do vidro, já são onze e trinta e quatro. – É melhor ir andando para o meu almoço de trabalho. Se tiveres alguma dúvida, envia-me um *e-mail* e podemos esclarecer tudo. Entretanto, vai andando para os Recursos Humanos e eles irão ajudar-te com os próximos passos. Desculpa, tenho de ir.

Hesita quando alcança a porta e vira-se para me encarar, inspirando profundamente.

– Flora – começa, num tom mais suave, e por momentos pensei que ele iria proferir algo simpático. – Lembraste-te de reservar o The Ivy para mim e para o Basil hoje?

Ainda em choque, dei por mim a anuir, com a boca demasiado seca para formar quaisquer palavras.



– Excelente – diz ele, animando-se. – Não me farto daquele caril de camarão malaio que eles servem. É tremendamente bom. Tens de experimentar, se alguma vez tiveres oportunidade.

E com aquele derradeiro conselho inspirador, sai da sala.

– Acredita, Flora, eles vão arrepender-se do dia em que abdicaram de ti – diz-me a Iris enquanto eu abro tristemente a porta do meu apartamento. – Sei que agora parece tudo uma merda, mas tenta focar-te no facto de nunca teres gostado deste emprego, de qualquer maneira. Vais avançar para coisas melhores e mais significativas, eu sei que sim. Pode não parecer agora, mas isto é uma boa mudança para ti.

Foi simpático da parte da Iris insistir em acompanhar-me até casa depois de eu ter chorado baba e ranho no seu ombro dentro da casa de banho do escritório e depois ter continuado a lamentar-me sobre a minha carreira patética no comboio desde Waterloo até Wimbledon, onde vivo com o Jonah no nosso apartamento T1 arrendado. Quando acedi em mudar-me para Londres com ele, não fazia ideia de onde morar porque não conhecia bem a cidade, mas parece que afinal ele já tinha escolhido Wimbledon. Todos os amigos dele moram na zona sudoeste, por isso creio que era o que fazia mais sentido. No entanto, fui eu que encontrei este apartamento – assim que chegámos a Lingfield Road para o visitar, soube que era onde iria querer viver.

Guiando a Iris até à sala, encontramos a TV ligada. O Jonah deve ter-se esquecido de a desligar antes de sair esta manhã. Deixou-a sintonizada na Eurosport, que está a transmitir o Open da Austrália. Um dos jogadores está a gritar algo com ar muito zangado ao árbitro.

– Kieran O’Sullivan – diz Iris em tom apaixonado atrás de mim, olhando por cima do meu ombro.

– Quem?

Ela faz sinal na direção do homem alto e de cabelo escuro que gesticula selvaticamente para o árbitro.

– O jogador de ténis irlandês. Muito temperamental e tão *jeitoso*.

– Ah, sim, já ouvi falar dele.

Observamos enquanto ele retira o boné da cabeça e o atira para o chão, frustrado, desencadeando um coro de apupos entre a multidão.

A Iris cruza os braços.

– É um jogador interessante de ver quando acerta. Intenso, rabugento, *sexy*. – Ela solta um suspiro ávido, acrescentando, entredentes, «Era capaz de ficar a vê-lo o dia inteiro».

– Ele é assim temperamental em pessoa?

– Não sei, ele não dá entrevistas. Costumava dar, quando começou a jogar. Conseguiu chegar à final do Open da Austrália ainda muito novo e de repente toda a gente pensava que ele ia ganhar tudo nos outros grandes campeonatos, mas isso nunca aconteceu. Chegou a muitas semifinais e finais, mas nunca conseguiu pôr as mãos nesses troféus importantes. – Encolhe os ombros. – Parece que agora evita os jornalistas.

– Talvez isso seja uma coisa boa – comento, no momento em que o árbitro lhe dá um aviso.

Retiro o meu gorro, cachecol e casaco, enquanto começo a procurar o comando da TV, ficando cada vez mais frustrada por não conseguir encontrá-lo. Deixo-o sempre no mesmo sítio, sobre a nossa mesa de apoio de vidro, mas o Jonah tende a atirá-lo para um lado qualquer, ainda que eu já lhe tenha pedido vezes sem conta que o coloque no lugar correto.

– Adoro esta sala – diz a Iris, enquanto eu deslizo os dedos pela lateral das almofadas do sofá. – A tua pintura é tão bonita.

Olho para a parede que envolve toda a lareira e armação de pedra, coberta por um mural de flores de cerejeira cor-de-rosa. Inspirada por um *design* semelhante, que vi num filme, pintei-a na semana em que nos mudámos para tornar o apartamento mais acolhedor e pessoal. O Jonah só resmungava que eu estava a empregar todo o meu tempo livre na decoração, algo que podia esperar, em vez de desempacotar as caixas com os bens essenciais, mas eu não concordava. Mudar-me para cá foi assustador. Quando entrava no apartamento, precisava de me sentir em casa.

– Não te apegues muito – murmuro entredentes. – Vamos pintar por cima.

Ela franze o sobrolho, perplexa.

– Estás a *brincar*.

– O Jonah... desculpa, *nós* achamos que a sala em tons de creme e branco vai ficar um pouco mais sofisticada. – Encontro finalmente o comando debaixo de uma das almofadas. – Ah!

Desligo a TV.

É quando ouço: o gemido alto que vem do quarto. A voz de um homem. A voz de Jonah. Congelo. O som é seguido do gemido de uma mulher. A Iris paralisa.

– Isso... isso não pode ser... – sussurro, perdendo a voz enquanto sinto a garganta fechar.

Com o coração a bater aceleradamente contra o meu peito, vou pé ante pé até ao quarto. A Iris segue-me e coloca-se ao meu lado, agarrando o meu braço em solidariedade. A voz da mulher trespassa novamente a porta.

– Oh sim! *Sim*, Jonah!

Sem pinga de sangue, a Iris coloca a mão sobre a boca.

– Flora – sussurra ela entre os dedos, os seus olhos inundados de pena.

Coloco a mão sobre a maçaneta e giro-a, empurrando e abrindo a porta.

Ali na minha cama está a minha vizinha do lado, Zoe, completamente nua, a montar o Jonah, deitado de costas, com as mãos a agarrar as suas ancas.

Primeiro sinto-me só dormiente, como se o meu cérebro não conseguisse bem compreender que o que estou a ver é real, e por isso não há necessidade de o processar. Mas à medida que a realidade da situação me atinge, a dor aguda no meu coração põe o meu corpo em choque.

Deixo escapar um queixume débil.

O Jonah ergue a cabeça e vê-nos. Com uma expressão de pânico, levanta a Zoe e afasta-a de si, atirando-a para o lado e fazendo-a cair no chão com um berro. Se não fosse uma cena tão nojenta, até teria tido graça. O público de uma *sitcom* teria morrido a rir naquele momento.

Mas isto não é ficção. Ninguém gritou «corta», porque isto é a vida real. Isto está mesmo a acontecer.

– Flora! – guincha o Jonah, tapando o pénis com as mãos. – O que estás a fazer aqui?

Os olhos dele sondam o quarto enquanto o rosto corado de Zoe surge na lateral da cama e ela puxa o nosso edredão para se enrolar, edredão que deve ter sido atirado para o lado poucos momentos antes.

*Corta. Corta.*

Sinto a cabeça às voltas e a visão turva, estendo o braço para me apoiar em Iris antes de colapsar nos braços dela no momento em que as minhas pernas perdem a força e me falham.

CORTA.



## Seis meses mais tarde

– Tens a certeza do que vais fazer? – pergunta a Iris ao telefone, enquanto arrumo na minha mala uns calções de ganga de cintura subida sobre as restantes roupas. – Quatro semanas sozinha é muito tempo sozinha.

– Iris, nunca tive tanta certeza de nada na minha vida – insisto, pondo o telemóvel em alta voz e equilibrando-o no topo da pilha de livros sobre a mesa de cabeceira enquanto dobro com cuidado alguns bonitos vestidos às flores. – Quatro semanas sozinha é mesmo o que preciso.

– O Lake District é tão longe. – Suspira. – Não podes trabalhar no teu romance gráfico aqui em Londres? Assim ainda podíamos estar juntas. Todas as minhas restantes amigas são casadas ou têm bebés, e, por muito que goste delas, preciso de *ti*. Quem mais irá alinhar comigo em noites de copos e dançar loucamente em cima de mesas?

Rio-me.

– Quando é que dançámos em cima de mesas?

– Podíamos dançar, se ficasses na cidade. Londres é uma loucura no verão.

Solto uma risada, arrumando os meus vestidos dentro da mala.

– São só umas semanas e depois volto para dançar nas mesas todas que quiseres. O objetivo principal de tudo isto é sair da cidade e ter algum tempo só para mim.

Ela suspira, e o seu tom de voz torna-se suave e sério.

– Flora, não te aborreças comigo por dizer isto, mas estou preocupada contigo. Percebo que uma mudança de cenário possa ajudar a despoletar a criatividade, e sou toda a favor de parares um pouco para descansares, mas não quero que vás para tão longe e dêes contigo a sentir-te... só.

De cabeça baixa, comprimo os lábios. Nos últimos seis meses, a Iris tornou-se a minha amiga mais próxima e consigo perceber o que a leva a dizer isto. Não tenho estado na minha melhor forma desde que o Jonah saiu de casa. Escusado será dizer, estive uma lástima durante uns tempos. Não me sinto propriamente orgulhosa de como lidei com a separação: implorar ao Jonah que ficasse quando foi ele que me traiu foi um período tristemente negativo da minha vida que prefiro esquecer.

Apesar de todas as *red flags*, todos os seus comentários cáusticos e negligência, convenci-me ingenuamente de que ele *era* para mim. A pessoa certa. Estávamos juntos há três anos e por ele tinha deixado os meus amigos e o meu emprego como assistente pessoal em Norwich. Tinha-me mudado para Londres, onde não conhecia ninguém, e fizera todos os esforços possíveis para me inserir na vida dele. De alguma forma deixei de me importar com o que *eu* queria; tudo era para ele, o que quer que *o* fizesse feliz. Agi assim voluntariamente. E, de repente, quando tudo desabou naquele fatídico dia de janeiro, dei por mim sem trabalho, sem amigos, e sem o Jonah.

Todo o meu mundo desabara.

Menos a Iris. Esteve ao meu lado, sempre. Tenho sorte em tê-la – pode ser uma nova amiga, mas acabou por ser a melhor que alguma vez poderia esperar. Muitas das minhas antigas amizades esmoreceram quando comecei a namorar com o Jonah. Ele não se dava bem com o meu pequeno grupo de amigos da escola. Sempre que combinava algo para nos encontrarmos, ele queixava-se por ter de me acompanhar, e se me acompanhasse tornava claro que o fazia a contragosto. Saber que isto poderia causar tensão entre mim e o Jonah acabou por diminuir a minha vontade de combinar encontros com aquele grupo e acabei por deixar de insistir de todo. Quando me mudei para Londres, senti que nos tínhamos afastado e já me tinha tornado muito mais próxima dos amigos do teatro do Jonah.

Mas desde a separação, nenhum dos amigos dele me fala. No que toca a escolher lados, nem sequer me deram uma oportunidade.

Tendo perdido a maioria das minhas ligações ao Jonah de uma muito dolorosa assentada, resta uma que tem sido cruelmente impossível de eliminar: a minha vizinha do lado. Quando terminámos, o Jonah decidiu sair imediatamente deste apartamento e mudar-se para uma casa partilhada em Clapham, mas, apesar das memórias que ele deixava para trás, havia algo nesta casa que me impediu de me despedir dela. Apaixonara-me por Wimbledon, e não conseguia imaginar-me noutra zona de Londres, por isso escolhi ficar. Mas ultrapassar isto tornou-se muito mais difícil com a Zoe a entrar e a sair o tempo todo.

Infelizmente, moro ao lado do lembrete humano de que, como sempre temi, nunca tinha sido suficientemente boa para alguém como o Jonah. Por outro lado, a Zoe é impossivelmente perfeita. É alta e esbelta com cabelo encaracolado castanho resplandecente, maçãs do rosto bem esculpidas, lábios carnudos e grandes olhos castanhos. As suas unhas estão sempre arrançadas e pintadas, a maquilhagem imaculada, e trabalha em relações-públicas na área da moda, por isso está sempre impecavelmente bem vestida. Nunca a vi com mau aspeto. Nem *uma única vez*. Mesmo quando vai despejar o lixo à rua, parece uma modelo que acabou de sair do serviço.

E, ainda por cima, é simpática. Bem, eu pensava que era. Era muito amigável e engraçada quando nos cruzávamos. Pensei que tínhamos tido imensa sorte com a vizinha que nos calhara – ouvem-se algumas histórias sobre situações potencialmente perigosas em Londres. Mas desde o incidente, nunca mais falámos. Ela tentou desculpar-se naquele dia, mas a Iris dissera-lhe que desaparecesse dali e que nunca mais me dirigisse a palavra ou se aproximasse de mim. Parece que levou esse conselho muito a sério, o que provavelmente é uma coisa boa. Mas não importa, sei que a Zoe está ali e, sempre que a vejo a sair para o emprego, lembro-me daquilo que não sou.

Ainda assim, as coisas estão a melhorar. A dor debilitante que se instalou no meu coração nos meses seguintes depois de o Jonah ter saído de casa já quase se dissolveu completamente. A cada dia sinto



menos a sua falta e tem ajudado ter-me mantido ocupada com o emprego temporário como assistente pessoal. O vencimento é muito melhor do que a minha breve experiência no jornalismo e ajudou-me a conseguir manter o pagamento da renda agora que o Jonah já não contribui. Claro que isto é Londres, por isso ainda assim tive de contactar o meu pai para pedir ajuda financeira para a renda, o que foi humilhante.

– Ele tem todo o gosto em pagar um ano inteiro de renda – disse Andy, o seu assistente pessoal, em tom alegre ao telefone. – Podemos fazer ainda hoje essa transferência para a sua conta.

– Não, não, *não* – disse eu, asperamente. – É muito generoso da parte dele, mas eu só preciso de um empréstimo para os próximos dois meses até me restabelecer. Vou mudar-me para um sítio mais barato assim que o contrato de arrendamento terminar, mas, por agora, se ele...

– OK, e... já está. A transferência foi feita – interrompera ele. – Se não se importar de enviar um *e-mail* a confirmar a receção, agradecemos. Agora, posso ajudá-la com mais alguma questão hoje?

– Eu... ah... OK, uau, obrigada, mas vou transferir de volta a maior parte, porque, como disse, é muito generoso, mas não quero que ele pague...

– Não tem nada que agradecer, menina Hendrix. Precisa de mais alguma coisa?

– Hã... gostava de lhe agradecer, se for possível?

– Lamento, hoje ele vai estar em reuniões consecutivas, mas eu transmito-lhe o recado.

– Oh, OK. Obrigada. Talvez ele me possa ligar quando tiver oportunidade.

– Sem dúvida. Tenha um ótimo dia e obrigado por ter ligado.

O meu pai não ligou, mas enviou uma mensagem cerca de um dia depois para confirmar se eu tinha recebido o dinheiro, o que já é alguma coisa.

Apesar do que eu disse, foi um alívio ter aquela quantia na minha conta por agora. Ainda estou determinada a restituir-lhe a totalidade, porque não quero mesmo ter de depender do meu pai para nada. E agora surgiu uma oportunidade demasiado boa para recusar: o torneio de

ténis de Wimbledon aproxima-se e os apartamentos na zona têm muita procura. Consegui um LUCRO considerável ao alugar o apartamento através de uma imobiliária: as próximas quatro semanas vão pagar pelo menos três meses de renda. Os preços estão uma loucura, mas, ei, não me estou a queixar.

É perfeito – o meu apartamento está muito bem localizado e pude acrescentar na descrição que o apartamento de cima está presentemente vazio, já que a ocupante, a senhora Perry, está numa viagem de sonho de três meses pela Ásia, por isso quem quer que ficasse aqui não teria de se preocupar com barulho. Foi imediatamente arrebatado. Parece que há por aí fãs devotos de ténis à séria que não se importam de pagar o que for preciso para viver em Wimbledon e se embrenhar no ambiente.

Verdade seja dita, esta é uma zona muito boa nesta altura do ano. A Wimbledon Village ganha vida – há uma grande agitação à medida que pessoas de todo o mundo chegam a este cantinho de Londres. Todas as esplanadas de restaurantes e bares ficam repletas de pessoas a conversar e a rir ao sol, a vila em si ganha uma aparência idílica com cestos pendurados contendo flores coloridas e todas as lojas competem para ver quem consegue ter a montra mais extravagante com o tema «ténis».

Mas o melhor é que me proporcionou o empurrão de que eu precisava para deixar Londres por uns tempos e arrendar uma casinha no Lake District onde vou finalmente começar a trabalhar no meu romance gráfico. É *perfeito*. A minha avó materna vivia em Keswick e algumas das minhas memórias mais preciosas são de quando ia passar umas semanas com ela no verão. De vez em quando íamos explorar e encontrávamos um lugar tranquilo longe dos turistas – eu desenhava e ela coloria com aquarelas.

Na minha adolescência, foi para mim um escape da agitação que era viver com a minha mãe. A avó sabia o que se passava com ela e com o que eu tinha de lidar. *Toda a gente* sabia. Quando eu era pequena a minha mãe era o que eles chamam de alcoólica funcional, conseguia manter a sua rotina diária sem chamar muita atenção para o seu problema com a bebida, mas não conseguiu manter esse modo de vida durante

muito tempo e quando eu fiz quinze anos já o vício a tinha dominado por completo.

Não é que pudesse pedir ajuda ao meu pai. Nessa altura ele vivia em Nova Iorque com a sua nova esposa herdeira, Camila, ajudando-a com o seu império de propriedades em expansão. Mas eu tinha a avó. Ela vinha visitar-nos por uns dias quando podia; ajudava nas férias quando me levava para o Lake District, e também herdei dela o gene artístico. Ela era a única pessoa que acreditava que eu ia ser bem-sucedida – nem a mãe nem o pai, por diferentes razões, notaram sequer que eu me interessava por arte.

Quando a minha mãe morreu depois de eu ter terminado os estudos, a avó veio ficar comigo no apartamento de Norwich para me ajudar com a logística do funeral, e depois ajudou-me a encontrar o meu próprio apartamento, longe das memórias tristes. O meu pai foi mantendo contacto e tentou ajudar-me da melhor forma que sabia – oferecendo ajuda financeira – mas foi a avó que me ajudou em tudo o resto. Só quando ela faleceu alguns anos depois, tinha eu vinte e poucos anos, é que me apercebi de que estava por minha conta. É por isso que a Iris está errada. Não me vou sentir só no Lake District, mesmo que não encontre uma única alma nas próximas quatro semanas. É o único lugar onde eu alguma vez me senti amada incondicionalmente.

– Não precisas de te preocupar, Iris – asseguro-lhe agora, com sinceridade. – Vou divertir-me imenso. Vai ser tranquilo e silencioso e inspirador. É *exatamente* o que preciso.

– O que tu precisas é de um homem *sexy* entre as pernas.

Desato a rir.

– *Iris!*

Somos interrompidas pela minha campainha. FRANZO o sobrolho, confusa, verificando as horas no meu telemóvel. Deve ser uma entrega, embora não me lembre de ter encomendado nada.

– Tenho de ir, tenho alguém à porta – digo-lhe. – Falamos mais tarde.

– OK, manda-me mensagem quando estiveres a caminho!

Desligamos e coloco o meu telemóvel no bolso, antes de correr até à entrada e abrir a porta. Mas não era o carteiro.